

FUXICO

Núcleo de Investigações Transdisciplinares-NIT – Departamento de Educação/UEFS
Ano XX – Nº 57 – Fevereiro/Junho 2023 – Feira de Santana-BA – ISSN 2179-1139

Um sopro de vida

Viver é mágico e inteiramente inexplicável.

Viver me deixa trêmula.

Meu não-eu é magnífico e me ultrapassa.

Mas beleza é assim mesmo, ela é um átimo de segundo, rapidez de um clarão e depois escapa.

Eu sou oblíqua como o voo dos pássaros.

É necessário passar pelo crivo da dor para depois aliviar-se vendo à frente uma nova criança no mundo.

Não quero ser somente eu mesma. Quero também ser o que não sou.

O silêncio não é o vazio, é a plenitude.

E o desequilíbrio da gangorra é exatamente o seu equilíbrio.

A mais bela música do mundo é o silêncio interestrelar.

Quero me reinaugurar.

Eu sou um abismo de mim mesmo. Mas sempre serei enviesado.



Renato Cardoso

Eu busco a desordem, eu busco o primitivo estado de caos. É nele que me sinto viver.

Só me interessa o que não se pode pensar - o que se pode pensar é pouco demais para mim.

...há abismos de silêncios em mim. A sombra de minha alma é o corpo.

O que chamamos de tempo é o movimento de evolução das coisas.

Mais que tudo, me busco no meu grande vazio.

Só devaneio para alcançar a realidade.

Meu pensamento tem que ser um sentir.

... é que vivo em eterna mutação, com novas adaptações a meu renovado viver e nunca chego ao fim de cada um dos modos de existir.

Todo nascimento supõe um rompimento.

Trechos extraídos do livro "Um sopro de vida", de Clarice Lispector.

expediente

Equipe Editorial

Andressa S. da Cruz
Gabriele Araújo Batista
Luís Ferreira (Coord.)
Miguel Almir

Revisão

Andressa Silva da Cruz
Romildo Carneiro Alves
Wesley Moreira de Almeida

Conselho Editorial

Dr. Eduardo Oliveira (UFBA)
Dr. Miguel Almir L. de Araújo (UEFS)
Dr. Luís Ferreira dos Santos (UEFS)
Dr. João José de S. Borges (UNEB)
Dr. João F. R. de Moraes (UNICAMP)
Dr^a. Mirela Figueredo Santos (UEFS)
Dr^a. Sandra S. Moraes Pacheco (UNEB)
Dr. Roberval Alves Pereira (UEFS)
Dr. João Irineu de F. Neto (UEPB)
Dr^a. Andrea do N. M. Silva (UNEB)
Dr^a. Valéria N. M. Santana (SEC-Ba)

Colaboradores

Aginaldo Rocha (Várzea da Roça)
Alexia O. Rodrigues (FSA)
Alisson Almeida (FSA)
Ana Gabriela Araújo (SSA)
Ana Karolina P. C. Mascarenhas (FSA)
Ana Victória B. Golçaves (FSA)
André Nunes (Queimadas)
Andrea N. M. Silva (UNEB)
Angela Ribeiro (SSA)
Braulino Santiago (C. de Coité)
Carlos Alberto Lopes (Paulo Afonso)
Carlos Eduardo Santana (SSA)
Carlos Silva (Mutuípe)
Cristiano Silva (Sapeaçu)
Cristóvão S. Rodrigues (Jeremoabo)
Danilo Cerqueira (FSA)
Delí Moreira R. Filho (Pindaí)

Diego Pessoa I. de França (João Pessoa)
Edite Maria da S. de Faria (UNEB)
Edivania S. de Carvalho (SSA)
Edna Maria Andrade Araújo (Araci)
Edson de J. da Paz (Primavera do Leste)
Edvan dos S. Pereira (Capim Grosso)
Emerson de A. Conceição (SSA)
Everton Alexandre C. Anunciação (FSA)
Everton A. Machado (Santo A. de Jesus)
Fabrício de Souza (SSA)
Fernanda P. de Carvalho (Simões Filho)
Franklin Ramos (Porto Seguro)
Gilmara O. dos Santos (UEFS)
Gilucci Augusto (SSA)
Guilherme F. da Silva (Tapiramutá)
Henrique Batista (UEFS)
Humberto Miranda (UNICAMP)
Ivanildo Cajazeira (SSA)
Jadilson Cerqueira de Jesus (Irará)
Jamerson V. de Lima (UEFS)
João Irineu (UEPB)
João José de S. Borges (UNEB)
João Paulino (UFR)
Jobson Souza Cunha (Santaluz)
Jorge Luiz Nery de Santana (UEFS)
José Cosmo da Silva (Curitiba)
Juarez Donizete Ambires (Santo André)
Juliana Soares de Jesus (FSA)
Larissa Evely Leite J. Pereira (FSA)
Livia de O. Ferreira (UEFS)
Luciano Ferreira (C. de Maria)
Maria Carlina de Alencar (Exu)
Maria José Firmino (Tucano)
Maria Lucileide M. Lima (SSA)
Magali Suzana Santos (Tucano)
Marilyúcia de O. Ferreira (Valente)
Mário Moura (Paulo Afonso)
Maurício Azevedo (Guarujá)
Mayara Tairini V. Mutti (SSA)
Mynuska de Lima (Valente)
Nícácio Oliveira Araújo (Serrinha)

Nilton Silva B. Júnior (FSA)
Nívea Maria Vasconcelos (SSA)
Pedro Henrique M. de Jesus (UEFS)
Pedro Juarez Oliveira (Araci)
Poliana Cléia P. Silva (FSA)
Raildo Carlos da S. P. (C. do Coité)
Raoni Alves Pereira (FSA)
Rayssa Aragão (FSA)
Renailda Ferreira Cazumbá (UEFS)
Renato Tavares Santana (UESB)
Ricardo Ferreira dos Santos (FSA)
Ricardo Liberal Rodrigues (C. de Maria)
Ronaldo Magalhães (SSA)
Roquenei F. Lima (Cid) (FSA)
Shirah Barros (Camaçari)
Taizy Pereira de Conceição (FSA)
Uriel dos Reis de Jesus (C. da Feira)
Valdineuma O. S. do Nascimento (Diadema)
Valdir Cavalcante de Matos (Tucano)
Valéria Nanci de M. Santana (SSA)
Walter Pinheiro B. Júnior (UFRN)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEFS

Reitora

Amali de Angelis Mussi

Pró-Reitora de Extensão

Rita de Cássia Brêda M. Lima

Diretor do Depart. de Educação

Fabrício Oliveira da Silva

Coordenador do NIT

Luís Carlos Ferreira dos Santos

Editoração Eletrônica/Web designer

Andressa S. da Cruz
Gabriele Araújo Batista

Fuxico Virtual

http://www.uefs.br/modules/documentos/index.php?current_dir=4172

sumário

Editorial
Informes
Eleições para a Reitoria da UEFS – Coletivo de professores negros, negras e negras da UEFS – Abril Indígena – Reabertura do Museu Casa do Sertão – Festival Geração de 20 – Micareta de Feira 2023 – p. 03
Artigos
Santos, missionários e cotidiano na América Portuguesa – Juarez Donizete – p. 04
Manipulação virtual do usuário: é possível distinguir o real do distópico?

– Ellen Milde Felício de Loyola Melo – p. 06
Terminologia da lavoura cacauera nos romances de Jorge Amado – Lídia Freire e Flávio França – p. 07
Considerações sobre a vingança – Jobert Rocha – p. 09
Os paradoxos da inteligência artificial – Miguel Almir – p. 10
Imagem e palavra em Eu receberia as piores notícias dos teus lindos lábios – Luís Ferreira dos Santos – p. 12
Contos e crônicas
A violência do Não-poder – Eduardo

Vitins – p. 13
O estagiário – Fernando Peçanha – p. 14
Ravena – Ana Lúcia Magalhães – p. 15

Poemas

O dia da mentira – Geraldo Lavigne de Lemos
– **Aventura Quântica** – Massilon
Silva – **Meus amantes** – **Através das linhas** – Alice Moraes – **Flores da saudade** – Janaína Lilian – p. 16
Memória afetiva – Cristiane Sousa Santos
Sobreviver – Valdeci Silva de Araújo
– **Ansi[a]idade** – Wesley Henrique Alves – **Desaguar** – Paloma Cerqueira – p. 17

editorial

O Fuxico chega à sua edição 57 com informes sobre as eleições para a Reitoria da UEFS, o lançamento do Coletivo de professores negros, negras e negras da UEFS, o Abril Indígena, a Reabertura do Museu Casa do Sertão, o Festival Geração de 20 e a Micareta de Feira. Apresenta pequenos artigos, contos e poemas sobre diversificadas questões.

No artigo "Santos, missionários e cotidiano na América Portuguesa", o autor destaca alguns fatos históricos importantes das colônias portuguesas na América do século XVII, com ênfase nas esferas religiosa e política.

Em "Manipulação virtual do usuário: é possível distinguir o real do distópico?", a autora focaliza o controle que a internet

vem exercendo sobre seus usuários e seus malefícios.

O texto "Terminologia da lavoura cacauera nos romances de Jorge Amado" aponta a presença de termos específicos dessa terminologia na obra amadiana e a sua relevância para aproximar o leitor do cotidiano da população que vivia na região cacauera do sul da Bahia na época.

Em "Considerações sobre a vingança", apresenta-se uma abordagem sobre esse tema a partir de uma perspectiva histórica, política e social.

O texto "Os paradoxos da inteligência artificial" nos convida a pensar de maneira complexa e sensível acerca da encruzilhada lançada pelas novas tecnologias.

O artigo "Imagem e palavra em Eu receberia as piores notícias dos teus lindos lábios" apresenta uma reflexão a partir do filme de Beto Brant e Renato Ciasca, problematizando a destruição da natureza e o embrutecimento da vida.

As temáticas dos contos, crônicas, poemas e imagens são diversas, polifônicas e traduzem de múltiplos modos nossos sentimentos. Cada uma com sua abordagem e particularidade, provocando questões como da violência cotidiana, da metáfora da vida e da condição humana em suas variadas dimensões: existenciais, sociais, políticas e culturais.

A você, caro/a leitor/a, desejamos uma boa fruição!

Créditos dos/as artistas plásticos/as

- Gabriel Arcanjo é xilogravureiro e mora em Salvador-Ba;
- Júnior Soares é servidor público, professor de História e fotógrafo. Divulga suas fotografias em: <https://instagram.com/edvaldojrclick?igshid=NGExMmI2YTkyZg==>.
- Raimundo Carvalho é artista plástico, animador cultural e reside em Teofilândia-Ba.
- Renato Cardoso é servidor público na UNEMAT-MT e perseguidor das artes visuais (aquarela). Divulga seus trabalhos em: artmaieur.com;

informes

Eleições para a Reitoria da UEFS

Pela primeira vez, duas mulheres foram eleitas para a reitoria da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. A gestão 2023-2027 será representada pelas professoras Amali Mussi e Evanilda Carvalho, como reitora e vice-reitora, respectivamente.

O resultado foi divulgado no dia 06 de abril e apontou um percentual de 73,70% dos votos para a chapa Mais UEFS (chapa 01) - das referidas professoras -, contra 22,20% de votos para a chapa UEFS de todos (chapa 02), representada pelos professores Dagoberto da Silva e Ernesto Martinez.

Coletivo de professores negros, negras e negres da UEFS

Foi lançado, no dia 30 de março de 2023, o coletivo de docentes negros, negras e negres da UEFS. O evento aconteceu no auditório 4, no módulo VI, com o objetivo de enfrentar o racismo dentro e fora dos muros da Universidade.

A organização foi realizada por docentes que atuam no

desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão acerca da temática e de discussões correlacionadas.

Abril Indígena

No decorrer do mês de abril, o Centro de Memória dos Povos Indígenas do Nordeste - Anjuká -, da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, promoveu uma série de atividades e debates acerca das lutas dos Povos Indígenas.

Com o objetivo de aproximar a comunidade universitária dos temas, a programação contou com palestrantes indígenas, indigenistas e especialistas na temática, tendo ocorrido no formato presencial.

Reabertura do Museu Casa do Sertão

O Museu Casa do Sertão retomou suas atividades no dia primeiro de abril, após um longo período de portas fechadas devido à pandemia da Covid-19 e à realização de obras do complexo viário da BR 116 Norte.

A reabertura foi marcada pela exposição ao público de

objetos da coleção do Museu, além de obras de artistas que realizaram exposições temporárias.

Festival Geração de 20

Aconteceu, nos dias 11 e 12 de abril, na UEFS, o Festival Geração de 20, organizado pelo Movimento Poético Geração de 20.

Promovendo o encontro de variadas linguagens artísticas, o evento contou com lançamentos de livros, rodas de conversa com autores, intervenções artísticas e vendas de artesanato.

Micareta de Feira 2023

Após três anos de pausa, em decorrência da pandemia da Covid-19, o maior carnaval fora de época do Brasil voltou a ser realizado.

Durante quatro dias de festa, de 20 a 24 de abril, a Micareta de Feira levou às ruas milhares de foliões, distribuídos pelos vários circuitos da festa, que nesse ano se esforçou ainda mais para atender à diversidade de gostos do público, com uma programação ampla que contou com artistas de estilos musicais variados.

sugestão de livros

- Atrás do pensamento: a Filosofia de Clarice Lispector - Márcia de Sá C. Schuback
- Sob o céu branco: a natureza no futuro - Elizabeth Kolbert
- Balada de amor ao vento - Paulina Chiziane
- Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser - Sueli Carneiro

sugestão de filmes

- Noites alienígenas - Sérgio de Carvalho
- Biocêntricos - Fernanda Heinz Figueiredo e Ataliba Benaim
- O circo voltou - Paulo Caldas
- Ventos de Agosto - Gabriel Mascaro
- O Filme de Carlinhos - Henrique Filho
- Sonhos roubados - Sandra Werneck

Orientações para publicação de conteúdos

Recebemos, em fluxo contínuo (Word), conteúdos com temáticas diversas que sejam relevantes para o cuidado com a dignidade e com a boniteza humanas.

-Artigos: enviar somente um artigo que deve ter de 1,5 até 3 páginas; espaço simples; fonte Times New Roman 12; parágrafo com recuo; colocar dados do autor após o título; quando o texto tiver referências, por somente as citadas.

-Poemas: enviar até 2 poemas, ambos perfazendo no máximo 0,5 página.

-Contos/crônicas: enviar somente 1 de no máximo 1,5 páginas.

-Imagens: enviar até 10 imagens.

-Toda a contribuição (conteúdo) deve ser enviada para o e-mail: fuxicojornal@gmail.com

Santos, missionários e cotidiano na América Portuguesa

Juarez D. Ambires

Doutor em Literatura Brasileira pela USP
Professor de Língua Portuguesa na FACSP

Para 03 de dezembro, o calendário litúrgico católico nos traz como santo do dia Francisco Xavier (1506-1552). Remete-nos ainda ao Dia Internacional das Missões, prática à qual Xavier está ligado, escolhido pela Igreja como santo protetor das mesmas missões e dos missionários. Na atualidade, efetua partilha de funções com Santa Terezinha do Menino Jesus. O santo é ainda o orago da cidade de Salvador e o seu empossamento na função se dá em 1686, data que é um dos anos nevrálgicos de uma contenda que estudamos. O intuito nos remete à construção de nosso mestrado, defendido em 2000 na Universidade de São Paulo. Na sua vez, ele trabalha um dos temas centrais do nosso período colonial – a administração dos índios por particulares ou por religiosos. Neste artigo, sobre o fato queremos discorrer, mas a partir do empossamento de Xavier como orago de Salvador, a capital da América Portuguesa. A perspectiva nos põe à frente índios, colonos, jesuítas, a coroa e seus representantes.

No episódio em questão, 1686 e Francisco Xavier são a ponta de um iceberg que pede a exposição da parte que vai submersa. A época, o empossamento do santo é em concomitância ato religioso e sanitário, mas ainda ação política e econômica. A fusão é conhecida de todos e tida como natural. Nação e Igreja estão fundidas e a razão de Estado é teológica, fato contra o qual os estados modernos e suas constituições se posicionarão mais essencialmente depois da Revolução Francesa. No último quartel do século XVII, contudo, a fusão é vista como natural. Em Portugal, vem afirmada nas Ordenações do reino. Deus é princípio legislativo e os reis governam por direito divino. A França é o exemplo clássico desta visão, e a corte portuguesa nela se inspira. Muitas de suas práticas e representações por este viés se organizam, inclusive o trabalho missionário, meio de se expandir o número dos vassallos do papa e do rei.

Em 1686, a América Portuguesa já vivencia perto de 150 anos de

trabalho missionário mais efetivo e o fato se vê expresso no cotidiano da geografia. Algumas são as ordens religiosas que o concretizam, e, entre elas, a jesuítica que se destaca. Em 1681, volta em definitivo à Bahia Antônio Vieira (1608-1697), um dos ícones do trabalho em questão e um dos expoentes da sua Ordem. A presença atuante na corte de D. João IV como valido do rei, a estadia no Vaticano, a fama de grande pregador lhe garantem o reconhecimento. Os inimigos, entretanto, são muitos, e o retorno à Bahia é modo de se afastar de alguns desafetos. A fa-

pela mão de obra índia causa quebras e extinção dos aldeamentos nas áreas periféricas da colônia. Representando o serviço missionário, cuja experiência primordial é para Vieira a estadia no Maranhão e Grão Pará nos anos 1650, ele se bate pela missão. Ei-lo por isto a conduzir as negociações para o empossamento de Xavier como orago da cidade de Salvador, onde mora. O cenário imediato é o Terreiro de Jesus na Cidade Alta. Entre o Real Colégio (atual Faculdade de Medicina), a igreja da Ordem (atual Catedral Primaz do Brasil) e a Quinta do Tanque, transita Vieira, envolvido com os problemas da colônia, com tudo e todos.

No momento, o mais imediato é o surto de febre amarela que assola a cidade. A ocasião, é chamado popularmente de *o mal da bicha*, e suas vítimas são muitas. A proteção divina é invocada constantemente. Missas são rezadas e, com o empossamento, o Xavier orago é levado em andor pelas ruas e velas da cidade para que se atinja a cura e a cura atinja a todos. Atrás do milagre buscado, entretanto, atrás do Xavier carregado, contudo, está o missionário que o santo representa, o missionário que Vieira quer exaltar em um jogo de claro e escuro, em um jogo de força e estratégia. Na realidade, estão os surtos de febre, mas na essência

Gabriel Arcanjo



chada para se ocultar a retirada estratégica (pela qual se quer distância particularmente da Inquisição Portuguesa) é um pedido do Geral da Ordem – Paolo Oliva. Vieira deve preparar seus volumes de sermões para publicação. O fato é meio de destaque para os jesuítas na corte de D. Pedro II e alhures.

O mesmo Vieira, contudo, chega à colônia centrado na preocupação aos ataques que o serviço catequético missionário sofre. Deles sempre teve notícias e a muitos presenciou ao longo de sua vida sacerdotal. A ordem à qual pertence também se destaca no histórico missionário, e o anseio do colono

estão os inimigos de Vieira e do grupo ao qual ele lidera na Ordem. Os inimigos, na sua vez, são os colonos e as autoridades a eles ligadas. Inimigos ainda são os jesuítas favoráveis à requisição de administração direta do índio, feita por paulistas a autoridades da colônia e do reino.

A Vieira causa repugna o grupo jesuíta dissidente. O missionário sente-se traído, tal como traídos, segundo o mesmo Vieira, estão Inácio de Loyola e o seu projeto original de fundação da Ordem na atitude dos opositores. Para estes, o missionário como figura central da Ordem interessa menos que o jesuíta educador, professor. Para o dis-

sidente, espaço maior que o sertão com as missões é o espaço dos colégios da Ordem, onde os jesuítas estão encarregados de formar a elite da terra. Neste sentido, destaca-se o Real Colégio da Bahia. Quer destacar-se ainda o colégio inaciano de Belém da Cachoeira, cujos planos de construção são encabeçados por Bartolomeu de Gusmão, liderança do grupo jesuíta contrário a Vieira e a seu ideário. À época, década de 1680, contrário à construção do estabelecimento está o grande orador. Já indispostos ao citado empossamento de Xavier e, na extensão, a Vieira, estão os jesuítas de oposição.

Curiosamente, os jesuítas contrários à continuidade de primazia do projeto missionário são vários. São ainda em sua maioria padres estrangeiros – italianos, franceses, alemães e flamengos, presentes na colônia no fim do século XVII. No grupo, há também portugueses e Gusmão é parte da leva lusa. O mesmo grupo por isso preza menos os acertos originais da Ordem firmados ainda com D. João III. Com o rei estiveram Loyola e Francisco Xavier, mesmo antes da instituição oficial da Ordem, que ocorre em 1540. Os préstimos missionários oferecidos são aceitos e, em 1549, os jesuítas chegam à América Portuguesa como o braço direito da Coroa. A missão é evangelizar, mas com isto firmar os apoios necessários para que núcleos coloniais sejam fundados e persistam. O comércio português no Oriente está abalado devido à concorrência doutros povos. A colônia brasileira é vista como a nova fonte de riqueza.

O mote financeiro da ação é a indústria do açúcar que será instaurada com a mão de obra indígena e por ela mantida até a chegada mais abundante do escravo negro, reservado à grande plantação. O serviço missionário responde pela cristianização e pela preparação dos negros da terra. Em tese, responde ainda pela vigilância para que o pacto da utilização do indígena como mão de obra seja sazonal e não constante. O serviço missionário quer afastar o silvícola da plena condição servil. Escravizado é o negro e não o indígena, interesse que se defende, com jesuítas pró missão conseguindo leis vindas da corte que garantam a liberdade dos naturais. A Lei de 1680, por exemplo, tem Vieira nos bastidores de sua articulação ainda em Portugal. O colono, porém, torna a mesma legislação letra morta devido ao desrespeito às suas proibições. Nos espaços das economias de subsistência esta prática é constante.

O pedido da administração direta do indígena feito por paulistas, e, antes, por colonos maranhenses, é



Renato Cardoso

expressão do mesmo desrespeito. A ala favorável ao colono no interior da Ordem faz a sua defesa e se rebela contra Vieira, contra suas ações. Apologistas do paulista são Gusmão, Andreoni e, por escrito, Jacob Roland, jesuíta flamengo que escreve a *Apologia pro paulistis*, de 1684. Com isto, no cenário das analogias, em 1686, Vieira é Francisco Xavier. Já Gusmão e acólitos dissidentes são a febre amarela, o cólera que grassam por Salvador e adjacências. As doenças são ainda os colonos só tocados pelo econômico e não por aquilo que Vieira evoca em seus sermões para a conversão ao projeto missionário dos noviços que ingressam na Ordem nos anos 1680 e 1690. Os Sermões ao Espírito Santo dão simbolicamente provas destes fatos por meio de suas metáforas e, em essência última, colonos e jesuítas dissidentes estão longe de Cristo, o missionário por excelência.

E estando Xavier para Vieira, este está para todos os missionários que o antecederam na empresa catequética na colônia. Antes do exemplo missionário de Vieira, está no Brasil o de Fernão Cardin, a quem o Vieira noviço conheceu e serviu ao final da vida daquele. Alquebrado pelos anos missionários no sertão, o Cardin velho e adoentado recebe em Salvador o bom tratamento e a admiração nobilitante que lhe cabem pelo exemplo de amor a Cristo e a seu Evangelho. Na vez deles, antes de Cardin, estão Nóbrega e Anchieta. Este na segunda metade do século XVII já é indicado por membros da Ordem para beatificação e veneração. Lembremos que Andreoni a

ele dedica o seu *Cultura e Opulência do Brasil*, publicado em 1711, fato que parece antagônico, porque vem de um dissidente de Vieira, mas não o é. A ação ocorre após a derrota do pregador na questão em destaque e ainda anos depois de sua morte.

Na contenda pela administração direta do índio, vence, então, o colono; vence a ala jesuíta de dissidência a Vieira. Na extensão, tem vitória um novo tempo no qual Vieira e suas ideias já são anacrônicos. Ofusca o serviço missionário o poder da imagem agressiva, mas positivada do colono, do bandeirante paulista. Em fins do século XVII, o mesmo paulista goza de um prestígio que ofusca o projeto missionário e seus interesses de origem. No poder da imagem veiculada nas apologias, o que se vê é o colono prestador de serviços necessários e diversos. Por isto, ele pode fazer a catequese dos seus serviços e os ter sem a intermediação dos padres nos aldeamentos ou fora deles. Nesta sintonia, mais e mais os indígenas descidos passam a figurar nos testamentos como bens herdados. É o ápice, no período colonial, da mercantilização da capitania meridional. John Monteiro e Ilana Blaj oferecem provas do fato.

O paulista é a polícia e a segurança interna da colônia. Perpetra a guerra contra os indígenas sublevados e os quilombolas. Um dos ápices desta situação é Palmares, destruída por paulistas mestiços e índios, capitaneados por Domingos Jorge Velho em 1695. Segue a esta imagem a do paulista que descobre o ouro das Minas Gerais, com a certeza da abundância chegando à coroa um pouco antes da concessão

da administração direta. Paralelamente, corre a imagem do paulista agricultor que abastece muitos dos espaços internos com os produtos da sua lavoura de subsistência. E, contra estes fatos tão concretos, Vieira e adeptos pouco ou nada puderam. Seria também o caso de Xavier. Com a derrota do grupo vieirista, seu passado no Oriente também se oblitera. Agora, é memória a ser evocada para a glória

da Companhia, tal como o passado missionário de Vieira e mesmo os seus, à época, recentes volumes de sermões.

Referências:

AMBIRES, Juarez Donizeti. *Os jesuítas e a administração dos índios por particulares em São Paulo no último quartel do século XVII* (dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo,

2000.

AZEVEDO, João Lúcio. *História de Antônio Vieira (02 vol.)*. Lisboa: Editora Clássica, 1992.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LEITE, Serafim, S. J. *Breve história da Companhia de Jesus. 1549-1760*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1993.

Manipulação virtual do usuário: é possível distinguir o real do distópico?

Ellen Milde Felício de Loyola Melo
Graduanda em Letras – UEFS

A internet, criada em 1969 pelo Departamento de Defesa dos EUA, foi um importante marco para a história da humanidade. A partir dela, são inegáveis os inúmeros benefícios que foram acarretados no âmbito do acesso à informação, economia, cultura, educação, segurança e a fácil possibilidade de conectar pessoas geograficamente separadas. Contudo, como diria o dramaturgo grego Sófocles: "Nada grandioso entra na vida dos mortais sem uma maldição". Assim, ao mesmo tempo em que a internet pode ser algo promissor, ela também pode ser um forte mecanismo de manipulação e controle, em que nossos dados e atenção se tornam os objetos mais cobijados pelas grandes indústrias tecnológicas. Essa ambivalência nos dispõe como verdadeiras marionetes manipuláveis, agentes passivos de todo o processo de alienação, usuários que possuem uma falsa sensação de liberdade virtual, personagens de uma verdadeira distopia do mundo real.

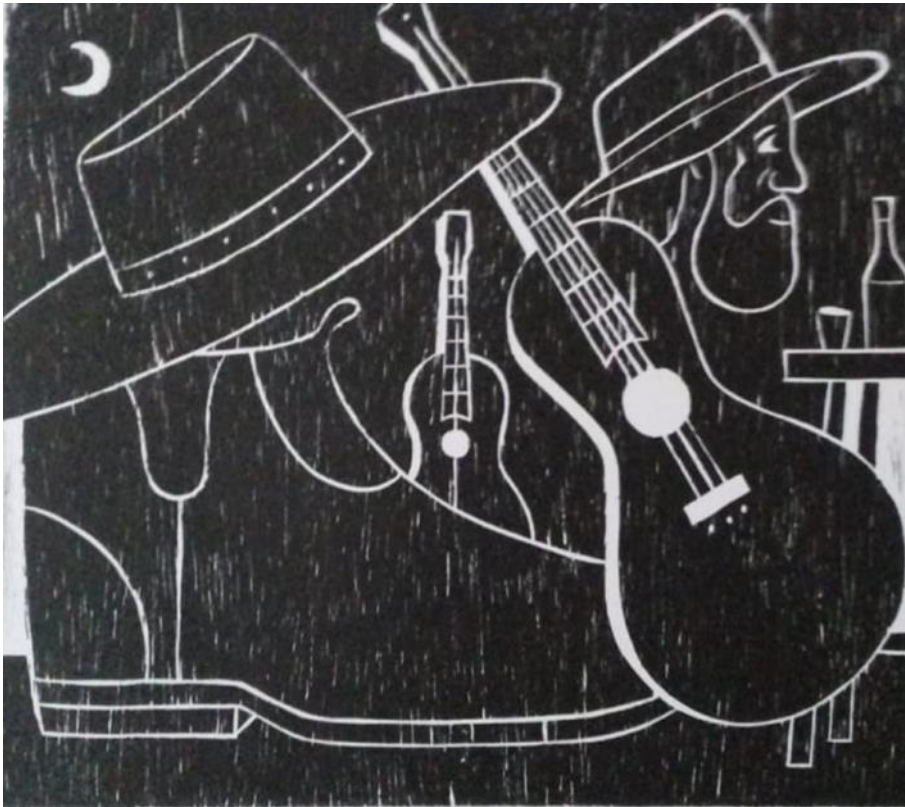
Sob um primeiro enfoque, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em suas variadas obras acerca da liquidez moderna, discorre sobre como a "modernidade líquida" rompeu com a solidez e emergiu a fluidez, o individualismo, a efemeridade das relações e a instabilidade das instituições. Para ele, o advento das redes sociais influenciou exponencialmente para que essa mudança ocorres-

se. Consequentemente, passamos a moldar nossos gostos pessoais, padrões estético-corporais e, principalmente, nossos hábitos de consumo, a partir do que é posto em rede e propagado pela cultura de massa. Desse modo, o usuário das redes passou a ser incessantemente manipulado para atender os interesses da classe dominante e se tornou incapaz de compreender os seus próprios desejos e interesses.

pelo autor sul-coreano Byung-Chul Han, em seu livro "No enxame: perspectivas do digital". Nessa obra, ele afirma que o termo *homo sapiens* já não se aplica ao ser humano do século XXI e que o termo ideal seria "*homo digitalis*", uma vez que estamos a todo instante imersos na tecnologia, de forma cada vez mais obsessiva e compulsória, e priorizamos as relações artificiais e virtuais em relação às reais. Dessa forma, depreende-se como esse uso constante das redes e dos aparelhos nos configura como verdadeiros escravos das conexões virtuais, dependentes de likes, visualizações e aprovações, seres que se tornaram incapazes de estabelecer verdadeiras relações sociais, seres que humanizam coisas e coisificam humanos.

Outrossim, um dos principais fatores que levam o indivíduo a permanecer online por tanto tempo são os algoritmos, que consistem em um sistema de inteligência artificial responsável por coletar dados dos usuários. Isso ocorre através da "psicopolítica" e do "capitalismo de vigilância", em que as empresas continuamente nos monito-

ram, observam nossas ações, conversas, hábitos, gostos e desejos. Baseados nisso, podem moldar e induzir nossos comportamentos conforme descobrem o que nos engaja e mobiliza. Tal situação se encaixa perfeitamente com a descrita por Guy Debord, em seu livro "A sociedade do espetáculo", quando



Gabriel Arcanjo

Nesse ínterim, segundo a empresa de pesquisa britânica GlobalWebIndex, o Brasil é o 2º país que mais usa redes sociais no mundo. Ficamos, em média, 225 minutos em redes sociais todos os dias, e esse tempo cresce continuamente. Esse fato degradante se assemelha à teoria apresentada

em "A sociedade do espetáculo", quando

discorre que quanto mais o usuário aceita reconhecer-se nas imagens de domínio, menos irá entender sua existência e seus próprios desejos. Ademais, para Debord, o capitalismo consumista nos coloca em "vitrines virtuais" e nos observa e controla como verdadeiras marionetes dentro de um reality show.

Destarte, observa-se como a manipulação do indivíduo, fator presente em grande parte das distopias, também é uma realidade fora da ficção. Logo, vivemos o Black Mirror

da vida real. Habitamos a Sociedade do Espetáculo, de Debord. Estamos em meio ao Enxame digital, de Byung-Chul Han. Residimos na Modernidade Líquida, de Bauman. Estamos sendo controlados pelo Big Brother, de Orwell. Inseridos no Admirável mundo novo, de Huxley. Presos em Matrix. Estamos sendo assistidos no "Show de Truman", mas quem produz esse reality show são os algoritmos e as grandes redes online, e o controle remoto usado para nos mover está o tem-

po inteiro na palma da nossa mão.

Em contraponto à barbárie dessa distopia real, resta a maturidade do usuário em ser mais consciente e cauteloso acerca do uso dos mecanismos digitais. Pois, enquanto não furarmos essas bolhas que nos envolvem, enquanto os meios e os fins das redes sociais não mudarem, enquanto não sairmos da escuridão da caverna e nos voltarmos para a luz e a beleza do real, permaneceremos sendo manipulados nesse dilema das redes.

Terminologia da lavoura cacaeira nos romances de Jorge Amado

Lídia Freire

Graduanda em Agronomia - UEFS

Flávio França

Doutor em Botânica e professor da UEFS

A obra literária do escritor baiano Jorge Amado é conhecida por retratar a cultura e a história do povo nordestino, em especial da região cacaeira da Bahia. Um dos elementos mais marcantes de seus romances é a riqueza da terminologia utilizada para descrever os costumes, tradições e paisagens da região, particularmente associada à lavoura cacaeira. Essa terminologia é fundamental para efetivar a comunicação, aproximando o leitor do cotidiano da população que vivia na região cacaeira do sul da Bahia na época. Como destaca a linguista Tereza Cabré em seus estudos sobre terminologia, as palavras usadas para descrever objetos e conceitos específicos em um determinado domínio são essenciais para garantir a precisão e a clareza na comunicação entre especialistas e leigos. Neste artigo, analisaremos a importância da terminologia na obra de Jorge Amado, em especial na região cacaeira.

Segundo Corrêa (1991), "região" pode ser compreendida como o espaço da diversidade, uma vez que esses espaços, delimitados geograficamente, são marcados por diferentes questões sociais, culturais, ambientais, políticas e econômicas. Dessa forma, estudar uma "região" implica possivelmente o estudo da sociedade, uma vez que nela passam relações entre a natureza e a história. A construção de uma "região" se dá de maneira dialógica, a partir de diversos atores que são movidos por diferentes motivações e organizações ao longo do tempo, e, portanto, é um processo contínuo (OLIVEIRA, TRINDADE, MERCÊS, 2006).

Para compreender a importância da terminologia nos romances de Jorge Amado, é preciso considerar que a região cacaeira da Bahia possui uma cultura única, com ex-

pressões, costumes e tradições que não são comuns em outras regiões do país. Por isso, o escritor utilizou um vocabulário específico para retratar essa cultura, enriquecendo sua obra com termos e expressões que são característicos da região. Como toda a cultura dessa região girava em torno da cultura do cacau, muito da terminologia associada a esta cultura vai aparecer nos romances do criador de "Gabriela Cravo e Canela".

O período que reúne os romances de Jorge Amado escritos com a temática do cacau foi denominado de "ciclo do cacau" amadiano. O romance que inaugura esse ciclo é "Cacau". Dez anos depois, publicou "Terras do sem fim"; "São Jorge dos Ilhéus" foi o terceiro romance do ciclo, onde Amado retrata o início da decadência do coronelismo, que continua a ser retratado em "Gabriela, cravo e canela", onde também é evidenciada a fase de transição entre o fim da era coronelista e a ascensão de uma "burguesia comercial e financista". "Tocaia grande" é o último romance sobre a temática do cacau. Nesse, Jorge Amado retoma todos os aspectos retratados nas obras anteriores, se tornando, portanto, uma obra síntese do ciclo do cacau (SANTOS, 2017).

Jorge Amado, um dos mais famosos escritores brasileiros, foi responsável por popularizar a cultura da lavoura cacaeira em seus romances, como "Cacau" e "Terras do sem fim". Em seus livros, ele retratou, de forma vívida, a vida dos trabalhadores

rurais, as lutas de poder entre os proprietários de terras e as nuances culturais da região cacaeira. Ao associar os termos utilizados na lavoura cacaeira nos romances de Jorge Amado, podemos observar como a precisão na descrição dos processos e técnicas agrícolas pode enriquecer a narrativa e tornar a leitura mais imersiva e envolvente.

Por exemplo, no livro "Cacau", o protagonista, um jovem sertanejo chamado Floriano, aprende sobre os processos de plantio e colheita de cacau com um experiente trabalhador rural chamado Coriolano. Durante a narrativa, são utilizados termos específicos para descrever as



Raimundo Carvalho

etapas do processo, como "cova", "enxertia", "brotação" e "poda". Esses termos não apenas tornam a narrativa mais autêntica e detalhada, mas também ajudam o leitor a compreender melhor os processos envolvidos na produção de cacau. Ressalte-se aqui, que essa terminologia nasce da prática do trabalhador, que não está necessariamente associada ao estudo formal, acadêmico, dos termos da cacauicultura, sendo, portanto, etnotermos (BARBOSA, 2006).

Outro exemplo de como a terminologia é utilizada por Jorge Amado em seus romances é a palavra "cacauicultor", que é frequentemente empregada para designar o produtor de cacau na região cacauqueira. Outro exemplo é a palavra "surrão", que designa um objeto utilizado pelos trabalhadores da lavoura para transportar os frutos do cacau. Esse termo é utilizado em diversas passagens dos romances de Jorge Amado, dando uma ideia mais precisa do cotidiano dos trabalhadores rurais da região.

Até o momento foram registrados 84 termos associados à lavoura cacauqueira, sendo 9 termos encontrados na literatura especializada (ROCHA, 2021); 54 termos encontrados nos Romances de Jorge Amado (AMADO, 1933; 1943, 1944, 1958, 1984) e 21 colhidos na região cacauqueira. Destes, 54 são termos que aparecem exclusivamente nos romances de Jorge Amado, sendo que tal discrepância deve ser atribuída às variações diatópicas e diacrônicas. Um exemplo de variação diatópica é o termo "Cabruca" que é utilizado ao sul da região cacauqueira baiana, mas não é tão comum ao norte da mesma região. Um exemplo de variação diacrônica é o termo "Vassoura de Bruxa", que não aparece em Jorge Amado, pois a doença a qual o termo se refere vai aparecer apenas nos anos 80, muito depois dos romances estudados terem sido publicados.

Além disso, a terminologia também é importante para a padronização e a segurança da produção agrícola. Por exemplo, termos como "praga", "defensivo agrícola" e "resíduos de agrotóxicos" são usados para descrever as ameaças à produção de cacau e as medidas de controle utilizadas pelos agricultores. Ao compreender esses termos, os produtores podem tomar medidas mais efetivas para proteger suas plantações e garantir a qualidade do produto final.

É importante destacar que a terminologia utilizada por Jorge Amado não é utilizada de forma aleatória, mas sim de forma consciente e estratégica. O escritor buscava retratar a região cacauqueira de forma precisa e autêntica, utilizando termos e

expressões que fossem familiares aos moradores da região. Com isso, ele conseguiu criar uma obra que é, ao mesmo tempo, literária e antropológica, retratando com fidelidade a cultura e a história do povo nordestino.

Nesse sentido, a terminologia é fundamental para a comunicação efetiva em qualquer campo, incluindo a lavoura cacauqueira retratada nos romances de Jorge Amado. Os termos específicos usados para descrever os processos e técnicas agrícolas não apenas tornam a narrativa mais autêntica e detalhada, mas também ajudam os leitores a compreender melhor a complexidade da produção de cacau e a importância da padronização e da segurança na agricultura.

Em conclusão, a terminologia utilizada por Jorge Amado nos romances que retratam a região cacauqueira da Bahia é um elemento fundamental para a compreensão da cultura e da história da região. Ao utilizar termos e expressões específicos da região, o escritor conseguiu criar uma obra literária que é, ao mesmo tempo, estética e antropológica, retratando com fidelidade a riqueza cultural do povo nordestino.

Referências

AMADO, Jorge. *São Jorge dos Ilhéus*. PDF. Disponível em file:///C:/Users/LojaSilva/Downloads/AMADO,%20Jorge.%20S%C3%A3o%20Jorge%20dos%20Ilh%C3%A9us.pdf> . Acesso em 20 Jan 2023.

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. PDF. Disponível em <https://www.terra.com.br/diversao/infograficos/jorge-amado-

centenario/pdf/terras-do-sem-fim.pdf> . Acesso em 18 Jan 2023.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. PDF. Disponível em https://lereumvicio.files.wordpress.com/2016/06/gabriela-cravo-e-canela-jorge%20amado.pdf> . Acesso em 12 fev 2023 .

AMADO, Jorge. *Tocaia Grande*. PDF. Disponível em https://www.terra.com.br/diversao/infograficos/jorge-amado-centenario/pdf/tocaiagrande.pdf> . Acesso em 28 fev 2023.

AMADO, Jorge. *Cacau*. PDF. Disponível em https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&scid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmVudHV4b2hvc3R8Z3g6NmFmZGQ4ZmFmMjhhk-M2I4. Acesso em 18 de fev 23.

BARBOSA, Maria. Para uma etnoterminologia: recortes epistemológicos, *Ciência e Cultura*, v.58, n.2, p. 48-51 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. 4.ed. São Paulo: ática, 1991.

KRIEGER, Maria; SANTIAGO, Márcio; CABRÉ, Maria. *Terrminologia em foco: uma entrevista comentada com Maria Teresa Cabré*. Calidoscópio, vol. 11, núm. 3, septiembrediciembre, 2013, pp. 328-332 Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

OLIVEIRA, C. G. S., TRINDADE, G. A., MERCÊS, M. H. G. (2006). *Lavoura Cacauqueira-Sul da Bahia: Dilemas e Perspectivas*. geografares.

SANTOS, João Paulo Ferreira dos. *Jorge Amado e o romance histórico do cacau*. 2017.



Renato Cardoso

Considerações sobre a vingança

Jobert Rocha

Economista. M.S pela UFV e Doutor pela Universidade de Madrid

Segundo os dicionários, vingança é o ato de cometer uma ação prejudicial contra uma pessoa ou grupo, em resposta a uma queixa de injustiça anterior, seja ela real ou imaginária. Francis Bacon descreveu a vingança como uma espécie de "justiça selvagem", que "ofende a lei e a tira do cargo".

Atos de vingança sempre foram comuns na história humana, notadamente quando aqueles que a procuraram se sentiam alvos de alguma injustiça não reparada pela justiça da tribo, dos reinos, ou pelo poder judiciário das repúblicas.

Um episódio que li, há tempos, narra o fato de um imperador romano, após uma batalha perdida, haver sido destrutado por um de seus soldados. Como os demais soldados ficaram ao lado do rebelde, o imperador nada disse e foi embora. Três anos depois, em algum lugar do Império Romano, o imperador reconheceu o soldado que o havia destruído. Aproximou-se dele veladamente e, chegando bem perto, vibrou-lhe um forte golpe na cabeça com uma estatueta de bronze, matando-o. Enquanto o fazia, dizia ao soldado: - Lembra-se daquela ofensa que me fez há três anos?

Inúmeros outros casos poderiam ser relatados, inclusive os de muitas famílias como os Montecchios e os Capuletos, do romance "Romeu e Julieta" de William Shakespeare, que sempre se odiaram e eram inimigos mortais em uma atitude de vingança eterna contra algum episódio ocorrido em passado remoto.

Durante a Idade Média, a maioria das pessoas não considerava como resolvidos um insulto ou uma injúria, até que fossem vingados.

Nestes casos, as vinganças tomavam o nome de "vendeta" e ainda existem na Turquia, no Japão, na Nova Guiné, no Nordeste brasileiro e em muitos países africanos e latino-americanos.

Até a ética da vingança tem sido com frequência debatida na Filosofia. Alguns filósofos acreditam que ela é necessária para se conseguir manter uma sociedade justa. Em várias sociedades, se acredita que o mal a ser infligido na vingança deve ser maior do que o mal que originou a vingança, como forma de punição a desestimular as supostas injustiças, indo além do Código de Hamurabi que previa, apenas, "olho por olho, dente por dente".

As próprias togas e perucas foram instituídas para os juízes, na Idade Média, com a finalidade principal de não serem reconhecidos por aqueles que condenavam e por suas famílias. Muitos juízes ainda pintavam os rostos com pó de arroz e outros ingredientes para ficarem irreconhecíveis. Temiam a vingança de familiares e amigos do condenado pelas injustiças que, muitas vezes sem querer, cometiam. Os aparatos que usavam para se esconder, no entanto, eram mencionados como um sinal de respeito à autoridade do magistrado.

Na atualidade, podemos notar que as Forças Especiais que combatem o crime, costumam usar as chamadas "toucas

ninjas", para não serem reconhecidas pelos marginais e seus familiares e para não terem seus rostos divulgados pela imprensa e poderem ser, futuramente, alvos de algum tipo de vingança.

Os marginais, por sua vez, usam as camisas levantadas sobre a cabeça, as mesmas toucas ninja dos policiais ou os Shemags (lenços de cabeça usados pelos guerrilheiros árabes), também evitando, dessa forma, serem reconhecidos.

O fato é que o desejo e o ato de vingança jamais terminarão entre os seres humanos.

As autoridades de regimes e governos reconhecidamente injustos pelas suas populações; embora possam contar com polícia política e guarda pretoriana, eficientes e temidas, não estão isentas de serem vitimadas por atos de vingança.

A História nos descreve, por exemplo, os casos do imperador Júlio César, assassinado no senado romano; Pedro III, ex-czar da Rússia; Luis XVI de França, rei da França e Navarra, guilhotinado na Praça da Bastilha; Leon Trotsky; rei Faïçal II do Iraque e sua família, assassinados; Patrice Lumumba, ex-primeiro-ministro da República Democrática do Congo; Presidente da República Democrática do Congo Laurent Kabila; Yitzhak Rabin, primeiro-ministro de Israel; Primeiro-ministro da Sérvia Zoran Đinđić; Política trabalhista britânica, Jo Cox, assassinada em Birstall, Inglaterra; Presidente do Haiti, Jovenel Moïse; Ativista e vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco; Ex-primeira-ministra do Paquistão, Benazir Bhutto, morta durante um atentado suicida; Ministra do exterior da Suécia Anna Lindh, assassinada em um Shopping Center em Estocolmo; Primeiro-ministro da Suécia, Olof Palme, atingido por um homem armado em Estocolmo.

Ficaremos por aqui, pois os casos são inúmeros. Será que, com o estabelecimento da Nova Ordem Mundial e de um governo único, futuramente, todas as autoridades mundiais dos três poderes das repúblicas, obrigatoriamente, passarão a usar togas e cabeleiras em seus locais de trabalho? Da mesma forma, as altas autoridades militares de todos os países usaram, diuturnamente, longas pelerines, pinturas camufladas em seus rostos e nomes fictícios para passarem despercebidos?



Raimundo Carvalho

Os paradoxos da inteligência artificial

Miguel Almir

Professor aposentado da UEFS

A técnica/tecnologia: tecnofobia, tecnolatria e tecnofilia

A técnica, os recursos técnicos são dispositivos que usamos com o objetivo de que potencializem formas mais eficazes e produtivas na operacionalização de nossas atividades e fazeres cotidianos. A tecnologia, de modo geral, se traduz no aprimoramento e na sofisticação dos recursos técnicos. Tanto a técnica quanto a tecnologia são instrumentos utilizados nos mais diversos campos do viver que devem nos proporcionar modos mais profícuos de nos relacionarmos com a natureza, a cultura e a sociedade, bem como, possibilitar melhor qualidade de vida para todos/as.

Os modos de nós, humanos, nos relacionarmos com a técnica, com a tecnologia são os mais variados. Entre esses, pode-se considerar a tecnofobia, a tecnolatria e a tecnofilia. A tecnofobia revela uma postura de aversão aos instrumentos da técnica, da tecnologia concebendo que estes, necessariamente, são danosos para a vida, fazem mal à humanidade. A tecnolatria, contrariamente à tecnofobia, representa uma relação de adoração e até de cultuação cega a esses instrumentos. A tecnofilia implica numa relação de receptividade e de aprovação para com a técnica e a tecnologia considerando os benefícios que estas podem trazer para nossas vidas. Podemos afirmar que as primeiras vertentes tomam caminhos extremistas e reducionistas, tanto na postura sectária de aversão excludente, como na de extrema adoração. Já a terceira vertente pode se traduzir numa forma de relação mais ponderada e inteligente que considera as dimensões positivas que esses instrumentos trazem, mas, que também acentua seus limites e armadilhas.

Muitas vezes, esses recursos técnicos e tecnológicos são aplicados desde interesses escusos, atendendo apenas às lógicas funcionais e mercantis que privilegiam minorias abastadas em detrimento do bem comum para a grande maioria. Nos usos indevidos desses instrumentos predominam as lógicas calculistas, instrumentais e produtivistas que implicam em posturas e ações excludentes e abusivas que desqualificam a vida humana, bem como, as outras vidas com as quais somos todos interdependentes. Quando o *ter tem primazia sobre o ser, a quantidade sobre a qualidade, os valores humanos, a dignidade hu-*

mana, o ecossistema, são preteridos e dilapidados.

A inteligência artificial

A inteligência artificial, de forma geral, caracteriza o estado de avanço exponencial e sofisticado da tecnologia em que são projetadas e fabricadas máquinas robôs que passam a operar atividades e funções similares, e, funcionalmente, até mais eficazes às que são inerentes à inteligência humana. São as chamadas máquinas inteligentes com seu poder artificial de processar operações bastante apuradas e eficazes na resolução de problemas, entre tantas outras funções.

Recentemente – março de 2023 – foi publicada, pelo Instituto Future of Life, uma Carta assinada por mais de 1000 especialistas, incluindo pesquisadores, como também empresários que são fomentadores da própria Inteligência Artificial-IA, em que estes fazem um alerta contundente a respeito do avanço acelerado desta no mundo e dos perigos iminentes que esta representa para a huma-

nidade. Assim, os signatários da Carta pedem uma pausa nos processamentos destes sistemas artificiais inteligentes para que sejam feitas análises e ponderações sobre seu uso.

Além dessa Carta, pesquisas feitas em diversos países também reiteram os grandes riscos que a IA pode trazer para a humanidade se não houver um cuidado rigoroso e efetivo controle e regulação de seu uso através de leis baseadas em princípios morais e éticos.

Na referida Carta os autores realçam que os processos tecnológicos que incrementam a IA estão numa "corrida fora de controle para desenvolver e implementar mentes digitais cada vez mais poderosas que ninguém, nem mesmo seus criadores, pode entender, prever ou controlar com segurança". Desse modo, são flagrantes os riscos que a IA traz para a humanidade. Inclusive o risco de que as mentes artificiais inventadas pelos próprios humanos possam se voltar contra estes, assumindo poder de controle e de domínio sobre estes, trazendo desdobramentos dantescos.





Júnior Soares

A carta traz uma indagação muito relevante: “Devemos criar mentes não humanas que possam eventualmente nos superar, ser mais inteligentes, nos tornar obsoletos e nos substituir?” Eis uma questão central que nos desinstala, espanta e provoca muitas matutações e ponderações profundas.

Como todas as criações humanas, a IA também é marcada pela ambiguidade. Ou seja, é portadora de possibilidades e de limites. Como uma faca de 2 gumes, pode ser utilizada tanto para o bem como para o mal da humanidade, dependendo dos fins a que se destina. Utilizada a serviço do bem comum, na defesa e na garantia da qualidade de vida das populações nas mais diversas esferas da vida e da sociedade, a IA se torna uma potência relevante na afirmação da vida, dos valores humanos, dos direitos humanos, bem como, na defesa do ecossistema. Porém, se prevalecem os fins meramente utilitários e econômicos/cristas, esta pode se transformar num instrumento poderoso de opressão, de exclusão, de coisificação e até de eliminação das vidas e de depredação do planeta Terra.

De modo geral, em todas as instâncias de nossas vidas em sociedade, e considerando os processos de evolução da civilização humana, o usufruto e a aplicação dos artefatos que criamos, dos dispositivos da técnica e da tecnologia, implicam na estruturação de regulamentos e de leis que garantam essa aplicação de acordo com os valores que afirmam, protegem e dignificam nossas vidas; nossa relação de complementaridade com todas as vidas do ecossistema. Regulamentos e leis que precisem se lastrear em princípios morais e éticos relativamente comuns, sedimentados pelos humanos em seus

processos civilizatórios. Quando isso não acontece – e temos inúmeros exemplos sobre no decurso de nossa história –, esses recursos são utilizados apenas a serviço de grandes grupos econômicos, atendendo a interesses meramente produtivistas e mercantis, o que desemboca em consequências iníquas e nefastas para a humanidade.

Esses processos de sofisticação dos sistemas de Inteligência Artificial, com seu uso desenfreado, desprovido da devida prudência, tendem a forjar humanos máquinas, ciborgues e robôs cada vez mais poderosos e rebuscados (pós humano...). Assim, perderemos nossas características demasiadamente humanas. Nesse eixo, podem surgir seres muito aprimorados mecânica e algorítmicamente, porém, desprovidos das sensações da carne, dos sentires da alma e do lume do espírito. Seres glaciais movidos pela apatia e pela indiferença. Como sabemos, já existem, nos sistemas de IA, tentativas de fabricação de robôs “sensíveis”. Mas, até onde enxergamos, essa “sensibilidade” da máquina não será composta pela pregnância das texturas dos sentires humanos, pela poética anímica de seus afetos e energias vitais, pelas intensidades de suas paixões, pela fineza da ternura e da empatia viscerais; pelas suas potencialidades espirituosas.

O uso da IA, com seus sistemas muito eficientes e potentes, produz máquinas robôs pragmaticamente funcionais e producentes na esfera do cálculo, do que é mensurável e mecânico com seus comportamentos artificiais e glaciais. A condição humana inclui tudo isso, mas, vai muito além, sobretudo no que se

refere ao âmbito da qualidade (qualitas). A inteligência humana, com toda sua complexidade e incensurabilidade, se constitui de sentires e pensares, de energias e sinergias, de enigmas e imponderáveis, de crenças e valores. Estes são plasmados desde a pregnância anímica do corpo material/biológico e simbólico, imanente e transcendente, do senso de espiritualidade e de humanidade que se descortinam em seu estado poético (sensibilidade, admiração, espiritualidade, senso criante) incontornável. A magnitude das experiências humanas escapa e ultrapassa os algoritmos das máquinas, dos sistemas da IA.

Inúmeras pesquisas na área de Saúde apontam para novas doenças, físicas e mentais, que surgem a partir do uso desenfreado dos dispositivos tecnológicos (celular, pc, smartphone, robôs...). Carecemos de vivenciar experiências diretas e intensivas nas relações com os outros para nos aprendermos humanos, para amadurecermos. Precisamos também do contato visceral com os outros seres da Natureza para cultivarmos nossas energias/sinergias, nosso húmus, nosso co-pertencimento terrenal.

Mais que a mera instrução proporcionada pela IA, carecemos de educação, de formação eco-cidadã. A IA nos instrui para a esfera dos significados. Além destes, humanamente precisamos buscar Sentidos (valores, crenças, paixões, utopias...) que dão sentido aos nossos co-existires. Sem a devida postura espirituosa em considerar o arco de possibilidades e limites da IA, esta pode se converter numa gaiola de ouro que imediatamente seduz e ofusca com o lampear de seu brilho artificial. Esse ofuscar dissimula os emaranhados das prisões que ela traz. Pode propagar a ilusão de uma certa liberdade forjando, de modo difuso, novas servidões.

Nesse rumo, os humanos ficarão reféns de suas próprias máquinas, dominados por suas próprias criaturas e instalarão prisões e processos tenebrosos de destruição de sua espécie e de depredação do ecossistema – processo este que muitos dos próprios humanos já desencadearam imbuídos de sua autoconversão em *homo stupids*.

Quando mobilizada pelo bom senso, para fins humanistas, que afirmam os valores civilizatórios que dignificam a humanidade, a IA pode contribuir significativamente para o bem comum como a sua aplicação no campo da saúde, da propagação de informações verdadeiras, nos processos de formação eco-cidadã nas ações educativas, nos incrementos em diversos setores de serviços e em tantas outras esferas.

A aplicação abusiva da IA tem

ocorrido em muitas frentes e instâncias da sociedade. Uma dessas consequências mais danosas tem sido o vendaval de fake news em que as mentiras passam a ser propagadas, compulsiva e espetacularmente, como se fossem verdades (pós verdade...). Em que a realidade dos fatos e fenômenos é distorcida e falseada a partir de interesses e de ideologias obscurantistas e indecentes que trapaceiam, dissimulam e manipulam. Outra esfera em que a IA também traz consequências negativas é o campo do trabalho ao provocar um grande índice de desemprego na população.

A presença ostensiva e acelerada

dos sistemas da IA em nossa sociedade institui, de maneira difusa, invisível e capilar, um novo ethos na imposição de comportamentos, posturas e visões de mundo que precisam ser vistos e compreendidos com muita sensibilidade, discernimento crítico e consciência ética. Sem isso, tendemos a naturalizar a IA e a instituí-la de forma determinista e inquestionável, o que, como vimos, trará implicações danosas mediante os processos de esgarçamento da humanidade.

Como sabemos, a presença da IA em nossa sociedade já está efetivamente instalada, de forma irreversível e em ritmo bastante ace-

lerado, como acentua a Carta. Urge que a sociedade civil, os governos e organismos internacionais que defendem os direitos humanos/ecohumanos, o cuidado com o ecossistema, se mobilizem, que nos mobilizemos de modo altruísta e imbuídos dos valores civilizatórios primordiais, envidando ações profícuas na criação de regulamentos e leis lastreados em fundamentos morais e éticos para regerem o uso da IA. Desse modo, podemos ultrapassar os abusos da tecnolatria promovendo a tecnofilia para que a IA possa ser aplicada a serviço da civilidade e da dignidade de todas as vidas que constituem nosso ecossistema.

Imagem e palavra em *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*

Luís Carlos Ferreira dos Santos
Professor da UEFS

O texto apresenta o filme "Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios", dirigido por Beto Brant e Renato Ciasca e lançado em 2011. O elenco é composto por Camila Pitanga, Gustavo Machado, Gero Camilo e Zé Carlos Machado. A peça estética foi inspirada no livro de mesmo nome "Eu Receberia as piores notícias dos seus lindos lábios", de Marçal Aquino, publicado em 2005.

O filme tem duas chaves de leituras possíveis: a imagem e a palavra. Essas duas senhas tentam interpretar os acontecimentos do lugar onde a obra é ambientada, no interior do Pará. Os conflitos políticos presentes no Pará, como a exploração do lugar e do homem, são salientados pelo personagem de Zé Carlos Machado, o pastor Ernani. Ele visa combater as contradições humanas através da palavra. As imagens lindas, que podem ser traduzidas por meios dos lindos lábios de Lavínia (Camila Pitanga), são metaforizadas pelo personagem de Carlos Machado (o fotógrafo Cauby).

O longa-metragem inicia a narrativa com a imagem de uma mulher despida em posições animais, o que poderíamos chamar do "devir animal" (DELEUZE; GUATTARI, 1997). A imagem da mulher se confunde com a paisagem do lugar. A beleza preenche a tela. Após essa cena, é narrada a chegada do fotógrafo Cauby ao interior do Pará. A quebra

da sequência de imagens, ou quebra da câmera, é uma das marcas do modelo narrativo do filme. O uso do flashback na narrativa do



Renato Cardoso

filme entrelaçando passado e presente. Não se pretende mais a linearidade, os corpos não se apresentam por inteiro, mas em partes.

O olhar do fotógrafo Cauby sintetiza a não possibilidade de com-

preender a totalidade do ser humano. Esse é o olhar do fotógrafo ao desembarcar da lancha. O filme tem início a partir do seu olhar, saindo de São Paulo e chegando ao interior do Pará. O que Cauby trazia à mão era uma câmera fotográfica, ele trabalharia numa revista semanal, a qual tinha o jornalista e poeta Viktor Laurence, vivido pelo ator Gero Camilo, como o responsável por assinar os textos. Viktor também atuava no filme como o narrador, utilizando do recurso da poesia e adiantava os fatos que estavam por vir.

A beleza uniu estes dois personagens: o poeta e o fotógrafo. O belo era o que atraía Cauby. A imagem amazônica, a beleza de Lavínia, que se torna a metáfora dessa paisagem e disputa nesse território, é o que atrairá Cauby, pelo amor e pela beleza.

Lavínia é metáfora da beleza e destruição Amazônica. Ela, no primeiro momento, apresenta-se na casa de Cauby. Depois, com a quebra de narrativa, é apresentada a história de vida da personagem: a imagem de uma mulher linda no chão em uma grande capital, drogada e pedindo dinheiro. Ela oferece o sexo para o pastor Ernani no intuito de comprar droga.

Por meio da "palavra", Ernani dará vida a Lavínia. Antes de ser pastor, Ernani também passou por momentos em que a droga ditava as regras de sua vida. Ele era psicólogo e largou tudo para se dedicar à vida religiosa. Ernani passa a viver no interior do Pará como pastor e casado com Lavínia. Portanto, desse lugar, denuncia o des-

matamento, a injustiça e, em seus cultos, tem em vista criar uma resistência, com falas, tais como: “que as forças das trevas não reinem em nosso esforço”, “nós temos força de barrar essa sujeira”.

A palavra cumpre seu papel e a imagem é protagonizada pelo fotógrafo. A beleza de Lavínia é representada magistralmente pelas imagens de Cauby. O verbo tem seu efeito imediato, construído no acontecimento, mas a imagem ultrapassa o território do autor e quebra as fronteiras. Dessa maneira, a denúncia da mazela, promovida pela ação política injusta no interior do Pará, é realizada pelo jornalista Viktor.

Lavínia é a metáfora do lugar. O jornalista tem acesso às fotos de Lavínia, que Cauby tinha em sua casa, produzidas por ele, e as divulga em sua revista. Viktor, após fazer isso, se mata e manda uma carta para Cauby sair da cidade. As fotos de Lavínia seriam a metáfora das denúncias retratadas pela pala-

vra do pastor e materializadas na imagem do fotógrafo.

O pastor morre depois que descobre que Lavínia tinha um caso com Cauby. Subentende-se que Lavínia o matou ou que um grupo de políticos do Pará deu fim à vida de Ernani e de sua esposa. Somente depois, Cauby descobre o local onde Lavínia estava internada, recuperando a memória.

Nesse reencontro, tanto a beleza de Lavínia quanto o olhar de captar as lindas imagens de Cauby não eram mais os mesmos. Cauby foi acusado pela morte do pastor e acabou sendo linchado em praça pública ao ser liberado da acusação. Ele fica cego de um dos olhos. A palavra é ceifada (Pastor), a lente da câmera quebrada (Fotógrafo), o denunciante se suicida (Jornalista e poeta) e a imagem bela destruída (Lavínia).

O filme problematiza questões sempre atuais, tais como amor, traição, liberdade, solidão. A dimensão humana é retratada de

maneira poética na paisagem do Norte brasileiro. O cenário é o próprio personagem que se entrelaça na narrativa do filme.

O tema da destruição e ganância das grandes empresas na exploração da região retratada pelo filme requer a presença ativa e atuante de toda sociedade. A destruição da natureza e a produção do embrutecimento da vida atravessam a morte da palavra e a destruição da imagem. O sentimento do absurdo mobilizado pela cena final do filme no momento em que Cauby encontra-se com Lavínia convoca para o luto coletivo pela restauração da palavra, da imagem e da beleza.

Referências

BRANT, Beto; CIASCA, Renato. *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*. [Filme-vídeo]. Direção de Beto Brant e Renato Ciasca. Brasil, 2011, 1h44m.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

contos e crônicas

A violência do Não-poder

Eduardo Vitins
Feira de Santana-BA

— Deia, eu não aguento mais! *Isso não existe*. Tu já tem quase trinta anos! Daqui a pouco a fábrica vai fechar, e aí?! Como é que a gente vai fazer?

— Gláucio, desde quando vi teus olhos em mim, te disse: “Não quero e não vou ter filhos, viu! Não discuta e não me pergunte o porquê. Já tá avisado...”

— Mas eu era jovem, não queria filhos. E como é que eu ia saber que era sério?!

— Bom... após cinco anos de casamento, achei que tu já tinha entendido.

— Mas por que, meu amor? Por que não querer um filho por aí, andando pra cima e pra baixo pela casa? Eu sei que tu me pediu para que nunca perguntasse, mas é um filho meu, também, que não vai nascer... Eu **mereço** uma resposta.

— *De novo isso?* Gláu, vai ali no banheiro e se olha no espelho: olha pra tua cara, pros teus braços, pras tuas mãos, pro teu peito... Tá vendo alguma coisa?

— Além do que tu me mandou olhar, não.

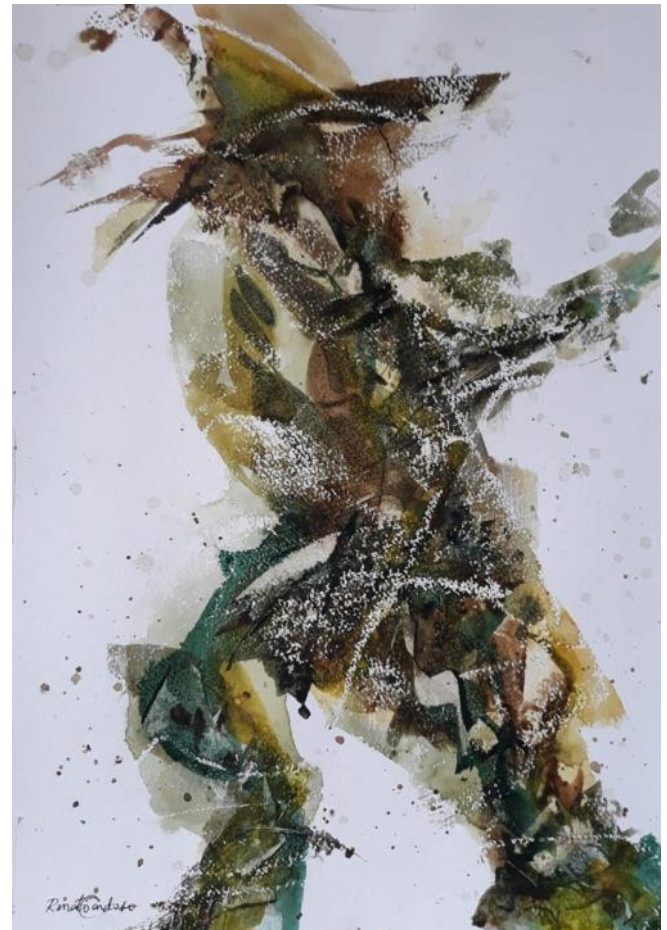
— Aí é que tá, Gláucio: tu é pre-

to, preto não se vê preto no espelho e acha estranho (— *ou pelo menos não deveria...*) Mas os brancos, não: eles veem o preto da pele antes da bondade da alma.

— E o que é que eu tenho com isso?! *Ou, melhor...* e o que é que tu não querer ter filho tem a ver com isso?!

— Ah, meu Gláucio Dut... Tu não entendeu ainda? Não é uma questão de querer ou não-querer: é de não-poder. Eu não vou ser *mais uma* a dar vida pra quem não pode viver. Eu não quero ver meus filhos morrerem, *eles* que têm que me enterrar. Existe palavra — órfão — pra perda de pai e de mãe; mas não pra perda de filho, de filha. *Não... não é certo, não é natural...*

— Ó, minha Medeia



Renato Cardoso

Kajumba... Não se deixe pensar assim! E se as pretas de ontem não tivessem posto os pretos de hoje na vida? Pois eu te digo: a gente não ia poder tá trabalhando, tá estudando, tá em tudo quanto é lugar (— *será que estão em tantos lugares assim?*). Eu sei que não tá bom ainda, eu sei... Mas já tá melhor

que antes, e isso já é um começo.

— E quem garante que meus filhos vão chegar em casa vivos, Gláucio, **quem?!**

— ... (— *a verdade dita que há no não-dito.*)

— Tá vendo? **Tá vendo?!** Até tu sabe que eu tô certa! A gente não pode ser egoísta, Gláu, não pode:

a melhor das graças que um pai pode dar pra um filho é a vida, mas a depender de como nasce esse filho, pode ser também a pior das desgraças.

— É, Deia... Quando se vive pra sobreviver, acaba que não sobra tempo pra sonhar. E talvez *isso* seja o mais triste...

O estagiário

Fernando Peçanha
Cabaceiras do Paraguaçu-BA

Foi ainda *agorinha* que me convocaram para trabalhar nessa estimada empresa. Após longas temporadas dedicadas a afazeres diversos – como a atividade de carpir mato de sepulcros; desbaratar, à vassouradas, cirandas de emos (exatamente, a tribo urbana que diziam estar em extinção) em praças públicas; e vender faixas comemorativas para maiores de idade aos prantos na fila dos shows da cantora Sandy&Junior – enfim, voltava ao meu ofício de origem, o jornalismo.

*

Era uma quinta-feira, meu quarto dia de labor e eu começava a me ambientar à cultura organizacional daquele espaço: tinha chegado às 8h e tomado um cházinho junto com outros patrícios (incluindo o chefe, que era o dono do isqueiro) que apreciavam a bebida – éramos minoria diante dos adictos amantes de café daquele mesmo setor –, a fim de dissipar os demônios matutinos e começar a trabalhar. Pois bem, eis que eu seguia tranquilo nos meus afazeres, quando, a meio turno do expediente, sou solicitado na sala do chefe.

Fernando, esse é fulano-de-tal, e ele é candidato à vaga de estágio aqui no nosso setor – explicou o chefe, enquanto a figura esguia, usando All Star e calça capri – aquele dilemático vestuário que transita entre uma calça muito curta e uma bermuda muito longa – se virava, tímida, para me cumprimentar.

Ao mirar a ilustração e logomarca que compunham a estampa da camisa do candidato, entendi perfeitamente que o motivo de ter sido solicitado naquela entrevista era para que pudessem ser aferidos os meus níveis de tolerância no ambiente de trabalho: a camisa trazia uma imagem dos membros da banda britânica Coldplay, rindo para o alto, rodeados de jaguatiricas, tamanduás-bandeira, quatis, um pomar de goiabeiras e um céu eston-



Gabriel Arcanjo

teantemente azul, num ambiente que claramente tinha a pretensão de emular a Floresta Amazônica.

*

O chefe em seguida explicou que me chamara ali para auxiliar naquela que seria a etapa final do processo seletivo, a qual chamavam de *dinâmica jornalística*. Foi solicitado ao candidato que saísse da sala por um breve instante, para que fossem decididos os critérios da tal dinâmica.

Após algum planejamento, aconteceu a minha sugestão, que era um misto entre uma das atividades que o candidato desenvolveria no seu posto – no caso, auxiliar nas redes sociais da empresa – e uma tentativa de alinhar ele à etiqueta vigente naquele ambiente laboral. Seguimos a reboque dos princípios d'O *síndico* Tim Maia, que lá nos anos 70 tinha trocado a cachaça pela religião, fundando

a Filosofia Racional. Além disso, com vistas às questões referentes sobre Atualidades, como prega toda boa seleção de emprego, nos atentamos às recentes (e indigestas) denúncias da pastora Sarah Sheeva, herdeira de Baby do Brasil, e Pepeu Gomes, sobre os nefastos vínculos sociais dos Coldplay.

*

O rapaz voltou à sala e fomos categóricos ao explicar a dinâmica: ele teria que se basear na Teoria dos 6 Graus de Separação, de Stanley Milgram, e traçar uma trajetória entre o vocalista Chris Martin e Satanás – e sem passar por Xuxa Meneghel, que assim ficaria moleza.

Lágrimas, unhas roídas, têmporas suadas, olhar temeroso, e, finalmente, o resultado: admitido com louvor!

Ravenna

Ana Lúcia Magalhães
Cachoeira Paulista-SP

Toda aquela visita era interessante. Eu havia estado por dois dias em uma cidade milenar e bastava para provocar misto de serenidade e reverência. Mais que isso, vez por outra, o sentimento de êxtase. Em outros momentos era apenas uma alegria infantil. Por instantes minha alma transitava o belo e isso provocava sensações puras, às vezes fortes, às vezes marcas indelévels de difícil explicação, porém igualmente fundas.

Levamos cedo e, um pouco atrasados como de costume, corremos para o portal de onde os ônibus nos levariam a Ravenna. De início nada muito surpreendente. Jardim, uma estátua bonita como convém a estátuas milenares. E árvores. Breve indecisão coletiva inicial sobre o caminho a tomar seguido de escolha. Entre a escolha e a chegada, éramos parte de um bando alegre...

Circularidade agradável do auditório, poltronas confortáveis, apresentação do palestrante, silêncio respeitoso da plateia. Ele inicia em voz baixa e agora dá para adivinhar

o motivo.

Aquele homenzinho – era assim sua aparência – me levou por labirintos desconhecidos, intocados. Eu, fascinada, deixava-me conduzir. A suavidade daquela voz pequena, que explicava detalhes dos mosaicos, prendia meus sentidos e as pecinhas que formavam cada uma das belíssimas figuras coloridas eram um balé.

Lembro-me da explicação cantochã sobre a diferença sutilíssima entre as moças que habitam a lateral esquerda da igreja nova de Santo Apolinário. Detalhes imperceptíveis aos olhos leigos, saltavam dos mosaicos projetados na tela e ganhavam vida talvez conduzida pelos espíritos que os construíram.

O auditório circular, a voz monocórdica, a tepidez da temperatura e a penumbra gestavam arte em sublime pureza. Aquela atmosfera fascinante e hipnótica conduziu-me para dentro do mosaico como em sonho. As pecinhas de azul profundo se aproximaram, abriram-se e pude entrar

em mundo mágico, que se movimentava devagar. Naquele momento, e por tempo que sou incapaz de precisar, fui parte do mosaico.

A voz continuava, música constante; a temperatura, podia-se quase tocar com as pontas dos dedos; o útero, em movimentos de contrair e expandir, confundia-se um pouco com meu próprio pulsar e, passados alguns dias, já não sei se eu havia ultrapassado para dentro do mosaico ou se ele me havia sorvido.

Não importa o tempo em que nele estive, Ravenna desabrochou e cresceu. Qualquer dor física teve vida curta naquele dia. O que importava realmente era beber, sorver, capturar, arquivar o mais possível.

A memória já me trai e estou certa da infidelidade aos sentimentos. E agora, anos depois, sei que Dante ali morreu. Dante e o mosaico: o inferno, o purgatório, o paraíso; Florença... Dante para sempre. Paro agora antes que os mosaicos se desmanchem em mim...



Gabriel Arcanjo

poemas

O dia da mentira

no dia 1º de abril de 1964 conta-
ram uma mentira
que durou 20 anos e 11 meses

vivemos o rescaldo dessa tragédia
e já ventilam outras petas

como a de uma revolução que nun-
ca revolucionou
(mas que causou 434 mortes e de-
saparecimentos
reconhecidos pela comissão nacio-
nal da verdade
afora os relatos de pelo menos
1.918 prisioneiros políticos
torturados por 283 formas diferen-
tes descritas
e estimativas que ultrapassam
20.000 pessoas)

a mentira tem perna curta
e vida longa (como teve a de 64)

que os ratos continuem nos porões,
os choques nos quartéis, as pimen-
tinhas nos molhos, os
dragões nas lendas, as geladeiras
nas cozinhas e
os afogamentos nos acidentes, não
em nossos corpos e
cabeças.

basta de história mal contada.

Geraldo Lavigne de Lemos
São Paulo-SP

Aventura quântica

Por que quero ter o seu tamanho
Se seu tamanho é menor que um
livro
Menor que um centímetro
Meia polegada
O meio do meio
O centro do nada?

Seu tamanho há de ser
Apenas aparente
Talvez invisível
E sendo visível
Só minimamente.

O micro e o máximo
O mínimo o átomo
O tempo num ponto
Um ponto que é tudo
Um tudo que é átimo.

Um ponto que é nada
Talvez um neutrino
E se for assim é como imagino
Um ponto onde tudo
Se funde e condensa
Singularidade

Que deu forma ao tudo
Que pariu o mundo
Quântica aventura
Do deus invisível
Num céu improvável.

Quero ter o seu tamanho
Para recriar o espaço/
tempo
E recomeçar tudo.

Massilon Silva
Aracaju-SE

Meus Amantes

Eu tenho vários amantes
E com eles passo bom
tempo
Na varanda
Na sala
Na cama
Ao amanhecer
Antes de dormir
Nas viagens
Nas clínicas
Em qualquer lugar
Me fazem sonhar

Me levam ao presente
Ao passado
Ao futuro
Me fazem rir e chorar
Me fazem fantasiar
Sinto prazer com eles
Pois todos me inspiram
Eu e eles...
Eles e eu...
MEUS LIVROS, MEUS AMANTES!

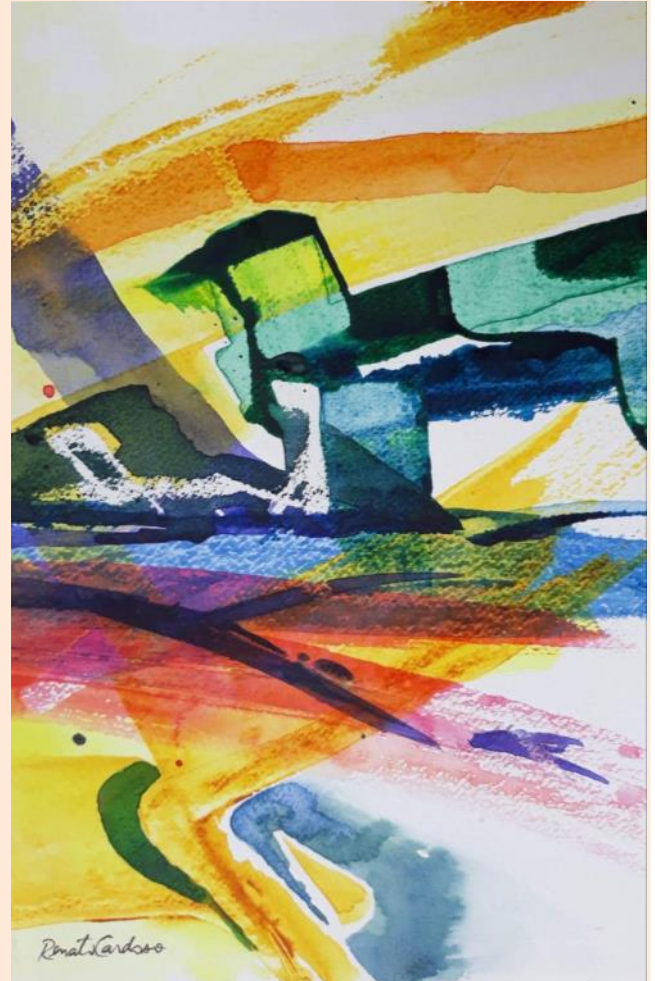
(Inspirada na frase do conto Felici-
dade Clandestina de Clarice Lispec-
tor (1981): "Não era mais uma me-
nina com um livro: era uma mulher
com seu amante").

Através das linhas

Através das linhas
Tantos sentimentos
Amor, desamor
Tristeza, alegria
Espaço de desabafo
Isso é poesia!

Consigo comunicar
Sorrir, chorar
A raiva extravasar
A denúncia propagar
Trazer crítica e calma
Inspiração a novos dias.
Alívio à dor
Encantamento ao leitor
Estímulo de pensamento
Sabedoria, alento
Ardor, doçura
Poesia cura!

Alice Moraes
Feira de Santana-BA



Renato Cardoso

Flores da Saudade

Como dói a saudade!
Como sinto tua falta!
Até as flores do jardim
Já sabem que fui deixada

As dália amarelas
Sempre me doam seus ouvidos
Sabem como tento apagar
A lembrança de teus olhos anoiteci-
dos

As gardênias esbranquiçadas
Lamentam ao meu lado
Recordam do teu cheiro
Doce rastro impregnado

Até as violetas desbotaram
E os lírios já não dançam mais
Pois aos ventos tornaram-se insen-
síveis
Ervas daninhas que só tua ausência
traz

E assim sigo a sofrer
Me queixando para as flores
Na esperança de cessar as dores
De uma eternidade sem você

Janaíne Lilian Silva
Feira de Santana-BA

Memória afetiva

Memória
Lugar onde ficam guardados momentos
Revisitados, na busca por lembranças
Na dor de uma saudade
Conforta
A memória também pode desaparecer
Como areia na ventania
Esquecida, desgaste natural
Em alguns precoce em outros segue o percurso do tempo
Nessas circunstâncias, o que vai ficar?
Aprendi a guardar no coração, a sensação do que é vivido
Memória com afeto
Não só na mente mas através dos sentidos
Tato, audição, olfato, paladar e visão,
Para que o corpo sinta o que foi felicidade e dor
Mas siga perdoando o mal sofrido
Dando um novo caminho
À existência
Estado de gratidão
Memórias do coração

Cristiane Sousa Santos
Feira de Santana-BA

Sobreviver

Na luta sempre para sobreviver
Mostramos nossa garra de
Querer buscar a liberdade de ir

sem ninguém
Proibir, ou até mesmo nos matar
Somos mulheres guerreiras de nossa
Existência para romper estes
Preconceitos que impedem
De sermos notadas como somos
E das nossas lutas que não vamos parar

Buscando sempre mostrar a essa
Sociedade nossa importância em
qualquer espaço ou lugar
Onde podemos estar

Valdeci S. de Araújo Coutinho
Vitória da Conquista-BA

Ansi[a]jedade

há no meu peito
um aperto
não sei ao certo de onde vem
não sei ao certo por que vem
não sei!
sei que ele está aqui
aqui dentro
ao mesmo tempo em que sinto o aperto
como se uma mão fúnebre o apertasse
sinto também um calor
na verdade, não sei dizer se é calor ou frio
o que sei é que ambos queimam
essa sensação parece descer até o estômago

se algum dia houve borboletas por lá
não as sinto vivas
de certo morreram queimadas ou congeladas...
mas mesmo mortas parece que querem sair
e aí vem a ânsia engulo seco
não lhes dou liberdade para que elas permaneçam lá na esperança de que algum dia as sinta voar novamente

Wesley Henrique A. da Rocha
Cuiabá-MT

Desaguar

penso sobre água...
sob a água de um rio que me leva embora
através de suas correntezas num balanço devagar

nesse breve instante, em que as gotas de chuva caem por minha face úmida unindo-se às lágrimas que custei a derramar, me sinto infinita assim como o mar

penso, então, sobre água não... penso se não sou a água ora calma e translúcida ora a que escapa por entre mãos que não conseguem me segurar.

Paloma Cerqueira
Feira de Santana-BA



Painel em muro produzido por moradores de rua do Centro Pop Leste - Belo Horizonte